



Dialética Conceitual e Historiográfica das Peregrinações¹

Leandro Eustáquio Gomes²

Resumo: Este artigo busca apresentar elementos da construção histórica das peregrinações cristãs, desde de seus primórdios aos dias atuais, em que são justapostos contextos e leituras históricas, bem como das interpretações, apropriações, sentidos e significados das peregrinações, os locais de peregrinações, as motivações dos peregrinos, das rotas. Para tal são apresentadas visões e interpretação da peregrinação cristã, através de diversas áreas do conhecimento, cujas leituras, estabelecem um panorama de conceitos e definições, que permitem elucidar sobre as questões básicas simbólicas e de apropriação das peregrinações em diferentes contextos teóricos e práticos e das transformações através de diversas perspectivas conceituais e historiográficas.

Palavras-Chave: Peregrinação, Peregrino; Conceitos, Definições, Historiografia.

Conceptual and Historiographical Dialectic of Pilgrimages

Abstract: This article presents elements of the historical construction of christian pilgrimages, from its beginnings to the present day, in which historical contexts and readings are juxtaposed, as well as the interpretations, appropriations, meanings and meanings of pilgrimages, the places of pilgrimage, motivations of pilgrims, routes. To this end, visions and interpretation of the Christian pilgrimage are presented, through various areas of knowledge, whose readings establish a panorama of concepts and definitions, which allow us to elucidate the basic symbolic and appropriation of pilgrimage issues in different theoretical and practical contexts and transformations through various conceptual and historiographical perspectives.

Keywords: Pilgrimage, Pilgrim, Concepts, Definitions, Historiography.

Introdução

As peregrinações, fenômeno que ocorre a milhares de anos, tiveram e têm grande importância e significado quanto à ligação com o sagrado, seja ela institucionalizada, isto é, como parte dos rituais e das práticas estabelecida por um corpo canônico/eclesiástico, mas também como atividade não hierarquicamente estabelecida.

Peregrinar é uma prática existentes em várias religiões, cujos os significados, sentidos e necessidades são bem diversos. Nesse cenário amplo de peregrinações, a construção aqui apresentada é focada na prática das peregrinações cristãs, a apresentar quando da sua origem e de como ao longo do tempo e espaço, esta, a peregrinação, sofreu transformações, e de como ela

¹ Este artigo faz parte da pesquisa realizada durante a elaboração da tese de doutorado em Antropologia Social e Cultural, através do programa de financiamento de Doutorado Pleno no Exterior (CAPES - 2013/2017).

² Doutor, Mestre e Especialista em Antropologia Social e Cultural pela Universidade de Coimbra.



esteve presente nas questões políticas, sociais, culturais, materializada na religião, e/ou ao contrário, de como ela, a peregrinação, ajudou moldar as questões políticas, sociais e culturais. Para além, busca-se apresentar algumas das vertentes de motivações de indivíduos e grupos quanto a prática das peregrinações, e de como ao longo do tempo e espaço, essas motivações transformaram e/ou incorporaram novos significados.

Assim, nesta construção são apresentados diversos autores, em que justaposto, permitem estabelecer um diálogo sobre construções conceituais e definições, e também apresentar uma cronologia quanto peregrinação cristã e respetivos contextos e significados.

Peregrinação: das Origens à Contemporaneidade

Ao se falar de peregrino e peregrinações, é necessário compreender as origens de tais denominações e aplicações no tempo e espaço, assim como, os seus processos de transformações, nos seus caminhos e descaminhos. As pesquisas antropológicas demonstram a presença de peregrinações rituais nas mais diversas culturas, como por exemplo, entre os registros babilônicos que datam do ano 2300 a 2000 antes de Cristo (a.C), demonstram o deslocamento a locais sagrados. Há diversas peregrinações nas culturas, sejam elas hindus, budistas, judaicas, estas são realizadas como forma de penitência, adoração e realização e de outros rituais bem diversos, consoante as crenças (RIVAS, 1997).

Assim, diz-se que a peregrinação foi ou é prática comum em várias crenças religiosas, e que o termo peregrinação surge depois da existência da ação e ato de peregrinar, sendo estes locais de destino das peregrinações bem variados, que vão desde ambientes naturais como montanhas, grutas, lagos, florestas, entre outros pontos e marcos geográficos, como edificações, em que são atribuídos os privilégios de ligação com o místico, ou locais em que viveram, passaram, ou onde tiveram manifestações míticas dos mesmo, assim como, locais onde se encontra algum pertence, ou mesmo restos mortais, de figuras tidas como referências, tais como, os guias religiosos, mártires de causas nobres, entre outros (PEREIRA, 2003).

Por mais diversos que sejam os locais, a característica comum a estes, é que são tidos como locais sagrados e de ligação com outros planos e mundos. A peregrinação, sejam elas nas religiões do ocidente ou oriente, têm como objetivo a procura do sagrado, ou seja, aproximar-se do divino (DIAS, 1994.)



Neste diversificado universo de peregrinações, em diversas culturas e religiões, lancemos um olhar mais direcionado sobre às peregrinações cristãs.

A peregrinação cristã, ou melhor dizendo, o arquétipo dela, são apresentadas no texto bíblico do antigo testamento, em que Abraão é chamado por Deus a deixar a sua terra natal (ver Gênesis,12)³, e que Moisés guia os Hebreus do Egito rumo à terra prometida (ver Êxodo), ambas como uma ação de devoção e obediência (VECOLI; KHÂN, 2011).

Já no Novo Testamento, existe uma série de viagens realizadas, sendo as primeiras, os Reis Magos, Baltazar, Gaspar e Belchior, que seguem os sinais do nascimento do salvador prometido, (ver Mateus, 2, 1-12); os pais de Jesus Cristo, assim como, o próprio Jesus, à posteriori, realizaram viagens à Cidade Santa, a Jerusalém, em período sagrado, em comemoração da Páscoa (ver João 2,13,23; 5,1;12,12), sendo esta uma viagem realizada a fim de cumprir ritos de ida até templos sagrados (VECOLI; KHÂN, 2011).

No entanto, sobre as primeiras luzes do cristianismo, as peregrinações, como era prática do tempo contemporâneo ao judaísmo, eram tidas como práticas pagãs, pois, sob uma visão espiritualizada do cristianismo nascente, a ideia de locais sagrados era recusada (PEREIRA, 2003).

Contudo, há no início do cristianismo, viagens em busca de adoração aos túmulos dos Profetas e Evangelistas, mas esse movimento é alvo de críticas por parte dos evangelistas, num movimento de antimaterialismo, como já mencionado, alegando que Deus estava em toda parte, e não em um lugar específico (ver Mateus 23,29 e João, 4, 23) (VECOLI; KHÂN, 2011).

No cristianismo, a peregrinação surge entre os vários significados, como uma penitência e sacrifício, sendo esta, um caminho que liga ao divino, em que também se atribui a passagem pela terra (vida e morte), como uma caminhada para chegar até Deus (RIVAS, 1997).

Ao longo dos primeiros séculos da era cristã, depois de Cristo (d.C), são apresentados alguns registros de figuras históricas que fizeram viagens, como o caso Melitão, então bispo de Sardes, no século II, que vai até Jerusalém à procura de informações sobre os ditos textos sagrados da Bíblia. Orígenes, teólogo de Alexandria, no século III, vai à procura de conhecer os sinais deixados por Jesus Cristo e seus discípulos. Assim, posteriormente, no século IV, surgem as

³ Quando das menções Gêneses, Mateus, João... fazem referência os textos bíblicos, sendo que os números primeiros referenciam os capítulos e os seguintes aos versículos. (Mateus, 2-1-12) Cap. 2 Versículo 1 ao 12.



primeiras peregrinações a Jerusalém, ao Monte Sinai e a túmulos de mártires do cristianismo, sendo que neste período são erguidos os primeiros santuários (VECOLI; KHÂN, 2011).

Até o reconhecimento do cristianismo como religião, no século IV, no ano de 313 por Constantino⁴, e já ao final do século IV, o cristianismo torna-se uma religião de Estado. Com isso, o movimento da cristandade ganha cada vez mais força e adquire condições mais propícias para as práticas de peregrinação, pois multiplicam-se as construções de templos e a recuperação de objetos e locais sagrados, como é exemplo, a cruz de Jesus Cristo, e o seu túmulo, sendo que esta primeira, após ter sido encontrada, é enviada para Roma, e sobre o segundo pressuposto, é construída uma basílica. Com isso, ambos os locais, Jerusalém e Roma, intensificam-se como metas de peregrinação (PEREIRA, 2003).

Segundo a tradição da religião Cristã, a Terra Santa, mais precisamente, Belém, o local de nascimento de Jesus é Jerusalém, local onde morreu e ressuscitou; Roma, local do túmulo dos Apóstolos S. Pedro e S. Paulo, e sede do Papa, eram tidos no cristianismo medieval como os grandes locais de peregrinação. Outros locais atribuídos à Virgem Maria mãe de Jesus, Tours a S. Martinho, Bari a S. Nicolau, Colónia aos Reis Magos, entre outros, eram tidos como locais de peregrinação menores (DIAS, 1994).

Contudo, as peregrinações ganham cada vez mais dimensões e destinos, como por exemplo, na Ásia Menor, o túmulo do apóstolo João em Éfeso; na Síria – Mesopotâmia, local de grande número de mártires; em Edessa, em veneração às relíquias do apóstolo Tomé; no Egito, S. Marcos, em Alexandria; na Grécia, S. Demétrio, entre outros tantos locais e relíquias (PEREIRA, 2003).

Como visto, entre os séculos III-IV, surge um grande movimento de construção de locais sagrados, os mesmos tornam-se locais de relíquias, em que bens, restos mortais de Santos, fragmentos do martírio de Jesus Cristo, entre outros objetos, quer do Antigo Testamento como do Novo Testamento, envolvidas ou protegidas por relicários, em que são ostentados e venerados, cujos locais onde se encontram, são tidos como destinos de adoração. Esse movimento de construção de locais sagrados, assim como, de canonizações, alarga-se, pois nos tempos que se seguem, há a atribuição de milagres nestes locais, por intermédio destes Santos (VECOLI; KHÂN, 2011).

⁴ Flavius Valerius Constantinus (272-337): Então Imperador Romano entre os anos de 306-337.



Já nos séculos V e VI, há um aumento crescente de peregrinações aos Santos Monges, e a outros que levavam vidas definidas como sacralizadas, vivendo isolados, ou em comunidades, faziam deslocar peregrinos até esses locais para os conhecer, ouvi-los e/ou numa busca de cura para as suas enfermidades (PEREIRA, 2003).

Houve, até o século VI, um número tão crescente e descontrolado de relíquias, que o poder eclesiástico, tendo em conta que, algumas peregrinações já se assemelhavam a cultos pagãos, e para evitar ou atenuar tal desenrolar, criou mecanismos, entre eles, o incentivo de fazer as peregrinações sem o meio do corpo, ou seja, ir ao encontro do sagrado e divino através da reflexão e da peregrinação interior (PEREIRA, 2003). No ocidente, as peregrinações cristãs têm o seu maior florescimento no século VII, em todo território franco, com o surgimento de novos locais de relíquias e santos, tidos, por vezes, como mártires do cristianismo (RIVAS, 1997).

A Idade Média é considerada o período áureo das peregrinações, em que os locais de relíquias, os templos e os milagres, fazem com que este seja um período muito intenso, muito justificado pelo ato de repartição de relíquias, prática que é adotada no ocidente, no VII, pois até então, isso não era permitido e era considerado um ato de sacrilégio. Através dessa nova prática, abre-se, neste período, uma transladação de parte dos corpos dos ditos santos e santificados. Contudo, esta nova prática abre margem ou amplia as falsificações, pois não era incomum encontrar relíquias em duplicado, cujas instituições de posse, afirmavam a sua autenticidade. Dentro desse universo, outra prática comum era a venda e compra de relíquias, em que as mesmas eram compradas por instituições cristãs, com o objetivo de atrair peregrinos (PEREIRA, 2003).

Mais uma vez, o clero manifesta-se contra as ideias de materialismo e contra a ideia da peregrinação a locais sagrados, como túmulos de mártires, monges ou a Terra Santa, como forma de salvação. Assim, o clero afirma que a peregrinação deve ser precedida de uma atitude de procura de mudanças no modo de vida, para se ir ao encontro do sagrado (VECOLI; KHÂN, 2011).

Contudo, o século X é tido como o ápice das peregrinações, com as grandes rotas no ocidente e oriente, que integra um sistema social e religioso, e passam a tomar outras dimensões, em que o fenómeno local religioso, passa do local para o regional, do individual para o coletivo. Porém, nos meados do século X, as relíquias espalhadas pelo território europeu perdem a sua autonomia. As rotas de peregrinação convergem em quatro principais destinos, Santiago de



Compostela, Roma, Jerusalém e Monte Gargano, como culto a S. Miguel. Todavia, esta última está vinculada à Rota Jacobea (RIVAS, 1997).

Os movimentos de peregrinações foram os grandes responsáveis pela construção religiosa europeia, entres os séculos IX e XIII, em que se deu um movimento social e religioso singular, que propiciou a difusão e conversão de valores da cristandade, a difusão de valores e conhecimentos, assim como, de mecanismo para a difusão e desenvolvimento económico e político (RIVAS, 1997). A peregrinação era tida como um estado de adoração itinerante, em que no século IV dirigiram-se à Terra Santa, a Jerusalém, ao túmulo do Cristo à procura de um renascimento espiritual e em busca de uma salvação. Já no século XI, no tempo das Cruzadas⁵, da luta contra os muçulmanos, membros da Igreja, cavaleiros entre outros, dirigiam-se a Jerusalém à procura de estarem próximos de Cristo, para que, quando morressem, conseguissem a vida eterna. Outra função atribuída às Cruzadas, era a de garantir a proteção do peregrino, assim como, dos bens que eles, os peregrinos, levavam consigo (DIAS, 1994).

No século XI, a venda de indulgências, doação pecuniária, como forma de pena era conferida aos peregrinos e à Cruzada, pelo Papa Urbano II, em 1095. Estas questões foram alvo de duras críticas pela Reforma⁶. Nesta forma de pena, caso o crime fosse muito grave, a pena de peregrinação poderia ser aplicada para toda a vida.(PEREIRA, 2003). Contudo, já nos séculos XI-XV, as peregrinações a Roma e a Santiago também eram tidas como locais de salvação. Essas peregrinações eram feitas pelos próprios fiéis, ou estes contratavam pessoas para fazerem a peregrinação por eles, como um ato de representantes dos pedidos de interseção, assim como, de entrega das ofertas (DIAS, 1994).

Na Idade Média, a peregrinação era tida também como uma penitência pelos pecados cometidos, isto é, atribuída como punição pelas infrações da ordem pública. Essa forma de punição é instituída até à reforma penitencial, que ocorre entre os séculos XII e XIII, que atribui a absolvição dos pecados após a confissão. Porém, a peregrinação é ainda atribuída pelo bispo, como uma forma de penitência por alguns pecados de relevância pública (VECOLI; KHÂN, 2011).

⁵ Cruzadas: Movimento militar cristão da Europa Ocidental realizado entre os séculos XI-XIII em direção a Terra Santa (Palestina/Jerusalém), com objetivo realizar a dominação cristã do território.

⁶ A Reforma foi um movimento que teve início no século XI, em que a igreja estabeleceu ou restabeleceu diversas práticas, a fim da reconstrução de valores.



Os atos tidos como abusivos, que tomavam as peregrinações, fizeram com que no século XIII, a Igreja estabelecesse, ou melhor, impusesse algumas práticas sacramentais, como a confissão e comunhão, antes de iniciar grandes peregrinações (PEREIRA, 2003).

No final do século XIII, no ano de 1300, é instituído, pelo então Papa Bonifácio VIII, o Ano Santo (Ano Jubileu), em que, durante as peregrinações a estes locais sagrados, nestes períodos, seriam atribuídas indulgências, ou seja, uma redução total ou parcial de uma pena atribuída por um ato tido como pecado. Assim, motivado também pela indulgência plenária instituída pelo Papa Bonifácio VIII, a quem realizasse a peregrinação a Roma, benefício esse, que até então, apenas tinha sido concedido às Cruzadas, houve, naquele ano, um grande fluxo de peregrinações, pelo desejo de se gozar desse benefício (PEREIRA, 2003).

No século XV, um conjunto de acontecimentos fizeram com que houvesse um declínio nas peregrinações, e já no século XVI, houve uma diminuição ainda maior, pois pregava-se e priorizava-se uma manifestação de fé interiorizada, opondo-se assim às manifestações de fé exteriores. Este movimento foi alimentado ou impulsionado por membros da Reforma Protestante⁷, em que o grande líder, Lutero, desvalorizava a peregrinação e a entendia como um ritual pagão (PEREIRA, 2003).

Entre essas contestações, no século XVI, os humanistas criticam os abusos cometidos com os atos de comércio de indulgências e a amplitude de relíquias existentes. Assim, perante as contestações, a igreja instituiu o Tratado das Relíquias de Calvino⁸, assim como o movimento de afirmação da peregrinação como forma de mudança interior, e não como uma forma de cura (VECOLI; KHÂN, 2011).

Contudo, outros acontecimentos históricos ajudaram no enfraquecimento das práticas de peregrinações, tendo como um dos principais fatores, a Revolução Francesa⁹, pois no ano de 1790,

⁷ Reforma Protestante: Movimento que culminou no século XVI e teve como principal líder Martinho Lutero (1483-1546) monge e teólogo, em contestação dogmas da Igreja Católica Romana na época, cuja principal prática condenada era a venda de indulgências.

⁸ Tratado das Relíquias de Calvino: Frente aos rumos que a igreja tomava as questões do materialismo e idolatria de restos mortais e outros objetos, que em muitos dos casos também eram questionáveis suas origens e autenticidade, surge o movimento anti materialismo do sagrado e divino. Este movimento tem como principal líder o teólogo João Calvino (1509-1564).

⁹ Revolução Francesa: Movimento revolucionário camponês francês que ocorreu entre os anos de 1789 -1799, em contestação ao poder monárquico absolutista e aos privilégios religiosos, feudais e aristocráticos, cujo poder foi destituído e privilégios dissolvidos. Os ideais de liberdade, igualdade e fraternidade do movimento ecoaram por toda Europa.



as congregações religiosas foram dissolvidas, e os conflitos e as guerras que se seguiram dificultaram ainda mais a realização de peregrinações (PEREIRA, 2003).

É descrito por Lima (2007) um pouco deste percurso histórico e cultural dos processos de surgimento dos trajetos de peregrinação no contexto mundial, referindo que este desenvolvimento desperta grande interesse nas várias linhas de pesquisas, dada a complexidade de fatos envolvidos.

[...] ao longo da história da humanidade, como se os santuários aparecessem como termóstato da intensidade existencial da experiência religiosa. Lugares de peregrinação, de romaria ou de visita devocional foram assim os santuários semitas do século XII da era pré-cristã, como são assim os santuários hiperorganizados de Meca, de Lourdes ou de Fátima; funcionam assim os lugares santos de Benares, Jerusalém, de Guadalupe ou de Santiago de Compostela, como funcionam também os santuários da Grécia antiga. Milhões de peregrinos em Lourdes, na Aparecida (em São Paulo), em Jerusalém, em Meca ou em Fátima: uma experiência disseminada pelos quatro cantos do mundo, que instiga a reflexão de historiadores, antropólogos, sociólogos e teólogos (LIMA, 2007, p. 10).

Até ao final do século XIX, a maioria das peregrinações eram realizadas a pé. No entanto, na contemporaneidade, nos casos de peregrinações muito distantes, não é incomum a utilização de algum meio de transporte para a sua realização (PEREIRA, 2003). As peregrinações são movimentos que estão a crescer cada vez mais no mundo moderno, fato que é também justificado pela busca de uma exteriorização da fé, embora deva destacar-se que há um crescente número de indivíduos que realizam a peregrinação como forma de turismo (TURNER; TURNER, 1978).

Segundo Sousa (1999), a Igreja Católica considera o turismo como um importante meio de comunicação, sendo este também uma forma de o Homem se ausentar das preocupações do trabalho, permitindo-lhe a aproximação e diálogo com outros Homens. Contudo, a Igreja está consciente de que a ida a lugares sagrados de peregrinação sem o mínimo de sentimento espiritual, podem causar problemas e conflitos, e até mesmo sentimento de repulsa por parte daqueles que a fazem com um sentido religioso, sendo que, por vezes, até mesmo os habitantes destes lugares, influenciados pela religião, também podem ter este sentimento de repulsa.

A fim de minimizar os conflitos, foi instituído pela Igreja Católica, mais especificamente pelo *World Council of Churches* (Conselho Mundial das Igrejas), um congresso internacional realizado em Genebra, na Suíça em 1970, onde se estabeleceu um conjunto de propostas, das quais, que: deve-se dar uma educação orientada sobre a autenticidade dos objetos religiosos aos habitantes dos países recetores e anfitriões, para uma boa conduta face ao fenómeno turístico-religioso; deve-se fazer relações pastorais nos países emissores, para que os visitantes venham preparados para realizar as atividades condizentes e em harmonia com o ambiente anfitrião; deve-se desenvolver as



ações propostas para que os peregrinos e turistas recobram o aspeto mais humano na sua viagem, a fim de perceberem o significado profundo do fenómeno religioso, de forma a que viagem possa ser um momento de meditação espiritual (SOUSA, 1999).

A peregrinação caracteriza-se por uma viagem que é realizada por devoção a um local sagrado, contendo três elementos fundamentais: o peregrino, o local sagrado e o caminho que o leva até esse local. Porém, é relevante salientar que os motivos que levam os indivíduos a realizar a peregrinação são bastante diversos e não se resumem a questões religiosas (PEREIRA, 2003).

A construção da palavra peregrinação tem como origem a palavra peregrino, cuja raiz vem do latim *peregrinus*, e que, posteriormente deriva, na Idade Média, para *pelegrinus*, em que *per agro* significa caminhar pelos campos, e *per eger* significa para lá das fronteiras, o que demonstra a situação de se ser estrangeiro, um ser em viagem. Este sentido ficou conhecido e foi aplicado desta forma, até ao século XI (TEIXEIRA, 2008).

Como já mencionado, os peregrinos são as pessoas que saem do seu domicílio em viagem a um lugar sagrado, um santuário, sendo o termo peregrino também similar ao de romeiro. Porém, inicialmente, o termo romeiro era atribuído a quem seguia para Roma. No entanto, o termo apenas muda de acordo com o local de destino, as intenções são as mesmas, fazem viagens a locais sagrados (ARENAS, 1998).

A peregrinação pode ser compreendida como uma metáfora da existência e vida, cujas aprendizagens e experiências constroem e modificam os indivíduos e sua identidade. Com isso, almeja-se uma renovação interior e estado de pureza original, que passa pelas fases de iniciação, sofrimento e alegrias das divindades que os criaram, tendo como principal objetivo, não simplesmente o exterior, alcançar a meta, mas a atitude de renovação interior, que é proporcionada pela viagem, sendo o esforço empreendido, o esgotamento físico, as dores e os embates com os limites exteriores e interiores, caminhos para atingir esta meta de encontro com o sagrado (VECOLI; KHÂN, 2011).

O ser humano, por natureza, segundo Lima (1994), é um ser nómada, que vive à procura, mas que em alguns casos, e em dados momentos, se acomoda, tomando um local de passagem como um local de chegada, prática a que ele chama de transformar o ser peregrino num ser sedentário, e em que a suposta estabilidade gera uma acomodação, num processo classificado por



ele, como sendo o “vício da instalação”, cujo tempo de permanência varia de indivíduo para indivíduo.

Numa interpretação teológica do ato de peregrinar, e citando a história bíblica de Êxodo, contendo os episódios de Abraão e Ló, a quem Deus ordenou que abandonassem, respetivamente, Ur dos Cananeus (e seguisse para a terra de Canaã) e Sodoma, pois estes eram locais de vícios, que dificultariam a elevação e evolução moral do ser, sendo que este ato de deslocação, ou seja, de peregrinação, era uma forma de romper com o “vício da instalação”, permitindo romper com a inércia, o comodismo implícitos em certos valores e práticas tidas como inferiores (LIMA, 1994).

Assim, o Êxodo de Israel do Egito, em busca da terra prometida, constitui um paradigma, de uma caminhada, isto é, de uma peregrinação, não apenas como uma libertação da escravatura, de uma pseudo segurança, mas como a libertação de si próprio. Tampouco é tida como uma simples meta de chegada, que perante as adversidades, se torna cada vez mais longínqua, numa esperança adiada. A passagem pelo deserto simboliza a impossibilidade de fixação, numa atitude de procura compulsória e duma reflexão necessária. Neste caminhar, muitos nascem e morrem, com maior ou menor tempo de caminhada, caminhada que se conquista de forma gradativa, paulatina, em que se exercita a paciência, e interioriza e edifica-se a aprendizagem do caminhar, de superar a dor, de se superar a si mesmo (DUQUE, 2005).

Seguindo esta abordagem teológica, “O peregrino não está ainda “na Glória”, mas vive sob seu signo; não realizou totalmente “banquete das Nupcias”, mas assinalou-o; não atingiu ainda a completa bem-aventurança, mas vive-a “em desejo” ao pisar a terra sagrada de um santuário ou de beijar o ícone de um eleito” (LIMA, 1994, p. 60). Assim, para a teologia, o peregrino é alguém que está a caminho, na procura de uma glória, do encontro de algo superior ao seu ser.

O momento da chegada ao destino ou à meta a que o peregrino se predispôs, por seu turno, encerra também o valor simbólico, em que nesta, o chegar ao santuário não se resume simplesmente à alegria ou à conclusão de um ritual obrigatório, mas é tido como o livrar-se do peso e mazelas dos dias da viagem, e assim seguir um projeto renovador (LIMA, 2005).

Segundo o Guia da Peregrinação, do Ano Jubilar de 2000, é descrito que:

A palavra peregrinação indica, etimologicamente, a condição daquele que se acha fora de casa, isto é, fora do seu lugar de residência, fixa, segura e estável. No sentido religioso é uma prática e uma atitude espiritual comum a todas as crenças e de fato, todas as religiões têm seus lugares significativos de peregrinação. [...] Desde os primeiros tempos da igreja, a peregrinação é uma atividade de indivíduos ou grupos que se dirigem a um lugar santo ou a um determinado santuário, para cumprir uma experiência de fé. Ao longo da história,



os motivos desta prática têm sido diversos e dado lugar a diferentes tipos de peregrinação: penitencial, devota e jubilar (JUBILEU, 2000, p. 14).

Sobre uma abordagem antropológica e teológica do conceito de peregrinação, afirma-se que todos no planeta terra estão em constante peregrinação, em processo de compreensão dos acontecimentos da vida, processos estes que ocorrem pelo fato de existir permanente instabilidade e transformação dos seres e do mundo (LIMA, 1994).

Segundo Lima (1994), que cita Heidegger, o ser humano coloca-se num permanente êxodo, numa procura para sair de si, de se abandonar, para se compreender, sendo peregrinar uma forma de realizar esta busca.

[...] “peregrinação” não é somente uma categoria histórica, nem muito menos uma categoria ligada ao Ocidente ou ao Cristianismo. É certo que a Igreja tem, ao longo da sua história, criado um berço cultural onde a peregrinação aparece na sua vertente sociológica com grande aparato em contextos bem diferenciados. Porém, a peregrinação está nos meandros do ser humano como o sangue que corre nas veias da vida. Peregrinar não é um ato meramente extrínseco ao homem, como se de deslocação se tratasse apenas; peregrinar pertence ao âmago do ser. Neste sentido podemos traduzir o pensamento heideggeriano em relação à existência como a experiência dinâmica de um ser peregrinante, não no sentido apenas metafórico mas de índole instituinte. Daí que a noção bíblica de “peregrinante” possa constituir um paralelo com a noção contemporânea de existência (LIMA, 1994, p. 54).

De acordo com a citação acima, peregrinar pertence ao ser humano como uma forma de busca, não uma busca externa, mas como uma ação interna, uma necessidade de transformação e compreensão, que vai além dos valores religiosos ou culturais de um determinado grupo ou nação, de uma faixa de tempo. Assim, ele afirma que peregrinar está presente em todos os seres humanos, que estão em constante busca e transformação.

Neste sentido de compreensão e definição deste evento peregrinação, Lima (1994) apresenta alguns argumentos que procuram exemplificar a dimensão do fenômeno.

A peregrinação, cremos, se é como já dissemos, uma dimensão antropológica de fundamento, também é um processo socioantropológico de memória. Não se trata apenas de recordar o itinerário dos antepassados, a história de um lugar sagrado ou os benefícios espirituais pertencentes ao almanaque do santo; em tudo isto joga-se, é certo a potencialização do ser humano e portanto a revivificação da estrutura da memória obnubilada pela poeira das coisas; trata-se sem dúvida de um itinerário exterior, topográfico, mas também de uma “peregrinação interior” que cada homem faz ao santuário do seu ser. É também a peregrinação, como um processo social, o eco visível da busca incessante do homem; é também a força integradora; é portanto, o eco da peregrinação interior; é processo de ativação da memória social como é fundamentalmente processo de ativação da memória do ser (LIMA, 1994, p. 58).

Nesta definição, torna-se evidente a complexidade dos fatores históricos, culturais, sociais e religiosos, internos e externos aos seres humanos, e das suas interligações, cuja compreensão é



necessária para se compreender as dinâmicas de construção da motivação e/ou necessidade de peregrinar, e o seu papel em diferentes grupos e indivíduos.

A peregrinação faz parte de uma ação de diferença e novidade, em que o indivíduo, em contato com indivíduos de diferentes identidades procuram a afirmação da sua identidade, isto é, uma procura de reafirmação. Ao mesmo tempo que o contato com indivíduos da mesma cultura identitária revive laços culturais e identitários. Sendo assim, a peregrinação consiste também numa revitalização da memória e estruturação pessoal. Sem dúvida que na peregrinação, há uma aliança entre a diferença e a novidade, que não se confundem, mas se estimulam reciprocamente (LIMA, 1994).

Assim, ainda do ponto de vista antropológico, a peregrinação é a descoberta do outro, do diferente, do mundo diferente, do espaço diferente, da organização ritual da vida diferente, de uma orquestração do cotidiano também diferente. Esta diferença é também a novidade em relação ao outro, ao mundo habitado, ao espaço, à organização da vida. Tudo isto sob o fascínio de haver um ponto de chegada – um santuário, uma ermida, uma catedral, uma cidade santa (LIMA, 1994).

Em SILVA (2004) apresentam-se algumas características da peregrinação, e em uma delas cita Victor Turner, que diz que, na peregrinação há três momentos distintos, sendo o primeiro a separação, em que se sai do mundo profano, se distânciava da família, do trabalho e desloca-se para fora do ambiente habitual geográfico de trânsito e relações. O segundo é a transição, em que consiste num dado período de tempo em que o indivíduo permanece fora, que está distante do conforto do lar, fora de uma zona de conforto habitual, uma fase de inseguranças e exposições numa procura por atingir uma meta. Já a terceira fase é a incorporação ou reintegração, tida como o processo de retorno ao lar, às suas origens e locais habituais, porém como um ser diferente, enriquecido com as experiências, pela superação física e uma reconstrução interior pela reflexão. A peregrinação é tida por Victor Turner como um ritual de passagem, porém, não é algo inevitável e obrigatório.

Quanto às questões que levam as pessoas a realizarem peregrinações, uma das motivações também pode ser entendida como uma necessidade.

A peregrinação, como aliás as romarias, pertencem, em grande parte, a este universo, no qual o homem procura soluções para uma vida sensata através de uma justa conjugação do adquirido e do recebido, do tido e do sentido, do palpável e do místico, do sensível material e do sensível espiritual (LIMA, 2007, p. 121).



Neste, também é descrito o ambiente a que o peregrino é exposto, ou melhor, é imerso durante a sua peregrinação, os riscos e medos, ou seja, o ambiente fragilizante que o peregrino se propõe vivenciar, a fim de realizar a peregrinação, em que é exposto a perigos de ordem física e moral, desgaste mental e físico, um ambiente de inseguranças e desafios. A peregrinação consiste de um movimento de sair do seu local habitual e partir em busca e em direção ao sagrado “A peregrinação é a caminhada em direção a um centro, um local santificado, no qual se vai realizar o encontro com o “Totalmente Outro”, ou seja, o sagrado, qualquer que seja a manifestação que este assuma (SILVA, 2004, p. 339). Assim, visa-se encontrar e sentir essa divindade, em busca da pureza e da sensação sublime.

Quanto os locais tidos como sagrados, Silva (2004) cita Mircea Eliade, que diz que estes locais ou templos sagrados são tidos como morada desses deuses. Mesmo o mundo, sendo um local impuro, esses santuários sagrados purificam este mundo, para além de serem locais de comunicação entre o humano e o divino. Assim, penetrar nesses templos que são tidos zonas de fronteiras entre dois mundos, um centro de comunicação, a ligação entre o profano e sagrado. Outro exemplo é apresentado por Cohen (2001), sobre as peregrinações no México, em que fala da construção e interpretação social atribuída sobre as peregrinações e peregrinos, em que esses, os peregrinos, durante a peregrinação assumem um status/identidade de seres sagrados, ou seja, transcendem os estratos sociais.

Sobre uma perspectiva cristã, o ser humano, desde o seu nascimento, torna-se um peregrino na terra, até à sua morte, em que, no final de sua trajetória, ou seja, da sua vida terrena, na morte, terá de se encontrar com a divindade, com Deus, e assim retorna para a sua pátria, a pátria celeste. Assim, a estadia do homem na terra é apenas uma passagem, sendo a sua caminhada pelo mundo acompanhada pelo Pai Celestial, que espera o retorno dos seus filhos à sua verdadeira morada, no mundo celeste (SILVA, 2004).

A peregrinação é tida como um processo de desprendimento, simplicidade, adaptabilidade e abertura para uma reflexão espiritual, como uma busca de uma nova forma de ver e seguir a vida, um despertar de uma nova consciência. Assim, ele e o outro, o diferente, o estrangeiro, o forasteiro, se entrecruzam, partilham experiências, mas isso se permitirem, se forem retirados os “muros físicos, psicológicos e jurídicos”, como dito por Silva (2004), que os separam e os distanciam.



Em Turner e Turner (1978), é dito que na peregrinação é criada uma unidade *communitas*, em que há uma horizontalidade das hierarquias e estatutos sociais, ou seja, assumem um carácter de “iguais e comuns”, em que no momento da peregrinação os iguala, numa identidade única e comum de peregrinos.

Atualmente, o termo peregrinação não se restringe à questão religiosa. Porém, a peregrinação por mais que tenham outras conotações e possíveis variações, ainda segue a ideia de estar associada à religião, isto é, que o predomínio na sua associação é o sagrado (PEREIRA, 2003). Para Lima (1994), o ser humano é um ser insatisfeito e também um ser de esquecimento.

O homem é ser insatisfeito como é ser de esquecimento; experimenta com facilidade a instalação de obstáculo, que o leva a uma grande ausência de sentido e até à perda à das razões de existir. Talvez esteja aqui uma razão profunda para a proliferação das peregrinações na época que vivemos – como aliás noutras épocas da história. O homem instalado pertence reavivar a memória como é ser peregrino, daí que o contexto atual seja de uma reorganização de peregrinações como é também de ampla facilidade de instalação cómoda (LIMA, 1994, p. 56).

Neste trecho, o autor justifica o ato de as pessoas realizarem peregrinações, como uma necessidade, em alguns casos, como uma procura de dar sentido às suas vidas, sendo esta ação de movimentar-se, ou melhor dizendo, de sair do seu ambiente quotidiano, uma das formas de busca e construção ou reconstrução de sentidos para viver.

Outro ponto de argumentação, é que vive-se numa contemporaneidade em que se propicia cada vez menos o caminhar a pé, pois as formas de deslocamento tornam-se cada vez mais rápidas, e que quase não se sente o deslocamento, está-se num local, e logo de seguida está-se noutra, sendo o trajeto ou caminho, por vezes, ignorados, e o meio técnico utilizado torna-se a viagem, ou seja, a viagem torna-se a partida e chegada, vivenciar e experienciar o trajeto torna-se quase nulo e estéreo, segundo diz Duque (2005):

[...] vivemos numa cultura em cujo quotidiano escasseia a experiência da caminhada a pé. O processo tecnológico-industrial, que animou sobretudo a Europa dos últimos séculos, conduziu a um desenvolvimento extremo da deslocação através de meios técnicos. Quase se torna realidade o famoso dom da ubiquidade, só que desta vez em virtude de uma conquista humana e não por gratuito dom celeste. [...] Estamos em todo o lado, sem verdadeiramente estar em lado nenhum, porque não vamos a lado nenhum, isto é, porque não percorremos a distância entre os espaços que nos separam. Apenas estamos, de repente, aqui ou acolá, perto ou longe. Mas não andamos entre aqui e acolá, entre o perto e o longe (DUQUE 2005, p. 234).

Acostumados a utilizar meios de transporte para nos movimentarmos de um local para o outro, efetuamos uma movimentação que não é nossa, que se classifica como “deslocação não real” DUQUE (2005).



O percurso não é nosso – ou melhor, não chega a ser percurso, uma vez que através dos meios técnicos, simplesmente engolimos a distância, absorvemo-la sem saborear, sem ser marcada pela demora do trajeto [...] O mundo passa a ser apenas asfalto para as rodas, sem terra para pés de carne e osso (DUQUE 2005, p. 234).

Segundo o autor supracitado, reforça a ideia que as viagens em transportes técnicos da atualidade, eliminam o caminho, e fazem com que a experiência da viagem seja a partida e a chegada. Há outras formas de viajar, sem mesmo ter as partidas e as chegadas, em que são utilizadas tecnologias virtuais para visitar lugares pelo mundo, no conforto do lar, através do ecrã, e sem intervalos de deslocação, de um lugar para o outro, bastando apenas carregar em botões (DUQUE, 2005).

Os meios de transportes da atualidade e as ferramentas tecnológicas virtuais, estão a reduzir os hábitos de caminhar e de se fazer viagens e deslocações através do passo a passo, em locais dignos de serem vivenciados, metro a metro. E diz: “O mundo é feito desses espaços contínuos e não apenas de isolados átomos espaço-temporais da partida e da chegada. Para partir e chegar, é preciso percorrer a distância. Caso contrário, a partida não é saída para lado nenhum e à chegada nunca alguém chegará” (DUQUE, 2005, p. 234). O autor argumenta que, somente a viagem a pé é capaz de levar o indivíduo a outro lugar, pois assim, através do passo a passo, ele pode inserir-se, de forma gradual, num meio diferente do seu quotidiano e sentir um outro sítio, uma outra cultura.

[...] porque só quem caminha a pé se põe verdadeiramente a caminho [...] nessa experiência de imersão no caminho que o ser humano sente verdadeiramente o seu egocentrismo contrariado. Sai de si, para entrar em algo diferente de si, surpreendente, inesperado, por vezes mesmo dolorosa oposição a si mesmo [...] (DUQUE, 2005, p. 235).

O caminhar, na peregrinação, não se restringe apenas à aproximação ou vivência do caminho, mas também como uma forma de se aproximar do outro com quem tem algo em comum e compartilha a mesma meta (DUQUE, 2005).

Conclusão

As peregrinações tiveram ao longo de seu processo de construções, e por vezes reconstruções diversos significados e objetivos, ou mesmo, como é possível inferir, sentidos divergentes e conflitantes, em que os sentidos, por vezes, iam de encontro com outros sentidos, ou seja, antagônicos, e mesmo na contemporaneidade as peregrinações apresentam-se com sentidos vários, cujas nuances refletem ainda cenários passíveis de conflitos.



As peregrinações comportam elementos motivacionais de sentidos multifacetados tão amplos, que por vezes, estas motivações que são categorizadas, estão sobrepostas, ou seja, não existem de forma isolada, que se torna complexo, ou mesmo redutor, tentar categorizar um peregrino frente às suas motivações, em que como apresentado, também incorporavam sentidos múltiplos em contextos temporais.

A construção cultural, social, política e religiosa que se estabeleceu em torno, sobre e com as peregrinações e peregrinos, também são de grande amplitude, em que foram e são utilizadas como mecanismos de expressões e interesses polarizados, com influência de grupos eclesiástico e de leigos, entre afirmações e negações de sentidos e significados antológicos. As peregrinações foram, principalmente, instrumentos institucionais do poder eclesiástico, que para além serem apresentadas como expressão da fé, foram utilizadas como mecanismos políticos e sociais de controle.

Como já mencionado, o longo dos tempos e contextualizações, as peregrinações sofreram grandes mudanças, tanto quanto aos locais, trajetos e motivações. Na contemporaneidade, não se distancia disso, pois há um processo de mudanças acentuadas e cada vez mais dinâmicas, ou melhor dizendo, rápidas, que englobam a peregrinação, que extrapolam as questões religiosas e assumem vieses diversos, tanto os locais de chegada como os trajetos.

As peregrinações, ou melhor dizendo, os caminhos de peregrinação, são apresentados por diversos autores, como rios que acham de vida por onde passam. Esta alusão é feita por causa do positivo impacto econômico e social impulsionador que é gerado pelas peregrinações. Sendo assim, as peregrinações, apresentam-se como importante e relevante mecanismo de desenvolvimento, ainda pouco explorado e estudados e diversos países e regiões. (GOMES, 2018).

Compreender e dialogar com as questões históricas e conceituais das peregrinações é um exercício que permite elucidar quanto aos elementos, direta ou indiretamente relacionadas ao fenômeno, dos impactos e meandros de (re)construções do termo e rotas, nos seus sentidos, objetivos e significados, diálogos que objetiva ampliar a visão de um fenômeno que possui milhares de anos, que permanece latente e dinâmico na contemporaneidade.

Referências

ARENAS, José Fernandes. **Elementos simbólicos de la peregrinación Jacobea**. León. Edilesa, 1998.



- COHEN, Anthony. "Symbolizing the Boundary". In: **The symbolic construction of community**. London and New York. Routledge, 2001.
- DIAS, Geraldo J. Amadeu Coelho. Em Peregrinação a Santiago pelos Caminhos de Portugal. Gil Vicente, **Revista de Cultura e Actualidades**, n. 29, jan./dez. 1994.
- DUQUE, João. A peregrinação a pé na perspectiva da conversão. **Compostellanum - Revista de la Arquidiócesis de Santiago de Compostela**, v. L, n.1-4, Santiago de jan./dez. 2005.
- GOMES, Leandro. **Os caminhos portugueses a santiago de compostela- o património em processo**. Beau Bassin: Novas Edições Acadêmicas, 2018.
- JUBILEU 2000. **Guia da Peregrinação**. Lisboa. Paulus Editora, 2000.
- LIMA, José da Silva. **A peregrinação. percursos e a palavra**. Lisboa. Editora Departamento Editorial da INCM, 2007.
- LIMA, José da Silva. A peregrinação: da antropologia à teologia. **Revista do Instituto Católico de Viana do Castelo**, Viana do Castelo, Editora Instituto Católico de Viana do Castelo, v. I, ano I, p. 53-62, 1994.
- PEREIRA, Pedro. **Peregrinos: um estudo antropológico das peregrinações a pé a Fátima**. Lisboa. Editora Crença e Razão, 2003.
- RIVAS, José Luis Barreiro. **La función política de los caminos de peregrinación en la Europa Medieval: estudio del Camino de Santiago**. Madrid: Editorial Tecnos S.A, 1997.
- SILVA, José Antunes. Caminho de Santiago: uma Europa peregrina. In: **Theologica: Identidade Social do Cristianismo**, Série II, v. XXXIX. Fasc.1, Universidade Católica Portuguesa - Faculdade de Teologia de Braga, 2004.
- SOUSA, Marco Antón Álvarez. Teórico para a análise das peregrinacións. **Homo Peregrinus**, Vigo, Edicións Xerais de Galicia, 1999.
- TEIXEIRA, Alfredo. (2008). Matrizes das crenças em Portugal. **Percursos de Interculturalidade: Matrizes e Configurações**, v. . III. Cap. VII, 2008.
- TURNER, Victor; TURNER, Edith. **Image and pilgrimage**. New York: Christian Culture, 1978.
- VECOLI, Fabrizio; KHÂN, Gabriele Mandel. **Dicionário das religiões: peregrinação I**. Editora MEDIA Promo, 2011.